

O Apocalipse como fonte inspiradora da Cristologia de José Comblin

The Apocalypse as a source to the José Comblin's Christology

Eduardo Hoornaert¹

Resumo

Neste texto o autor torna à tese de doutoramento de José Comblin, '*La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Apoc 21:1-22:5)*', defendida na Universidade de Lovaina nos anos 50 e que, após adaptação, veio a ser seu primeiro livro, '*Le Christ dans l' Apocalypse*', publicado em 1965. Considera-se, então, o modo de fazer teologia de José Comblin influenciado pela sua formação em Lovaina. A partir das imagens de Cristo como cordeiro e como testemunha, pode-se notar um vazio na cristologia oficial e fazer proposta de revisão da cristologia considerando a vida que Jesus viveu e não apenas sua morte vicária e ressurreição.

Palavras-chave: José Comblin. Apocalipse. Metáforas de Cristo.

Abstract

The author in this paper back to José Comblin's thesis '*La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Apoc 21:1-22:5)* that was defended at Louvain University in the 50's and was published as a book named , '*Le Christ dans l' Apocalypse*' in 1965. The Comblin's way to think the Theology was influenced by his formation in Louvain. From the images of Christ as a lamb and as a witness may notice a void in official Christology and proposed revision of Christology considering the life that Jesus lived and not just his vicarious death and resurrection.

Keywords: José Comblin. Apocalypse. Metaphors of Christ.

¹ Padre belga radicado no Brasil já há mais de 50 anos. Historiador e teólogo. Lecionou a disciplina de História da Igreja nos Seminários de João Pessoa, Fortaleza e no SERENE II do Recife. Foi também professor do extinto ITER (Instituto de Teologia do Recife). Assessor das CEB's. Pesquisador no Mestrado de História da Universidade Federal da Bahia. Organizou recentemente pela editora Paulus o livro '*Novos Desafios para o Cristianismo – a contribuição de José Comblin*'. E-mail: e.hoornaert@yahoo.com.br

Proponho que nos concentremos num dos primeiros livros de José Comblin: 'Le Christ dans l' Apocalypse', uma adaptação de sua Tese de Doutorado em Teologia defendida na Universidade de Lovaina nos anos de 1950, cuja redação foi concluída em 1962 em Santiago do Chile e que foi

publicado por Desclée de Brouwer de Tournai em 1965.

Uma observação preliminar: sabemos que José Comblin se concentrava na Pneumatologia, ou seja, na análise da atuação do Espírito Santo e que ele tinha restrições diante da Cristologia em voga. Este trabalho procura elucidar essa questão.

1 Roma dogmática e Lovaina 'filóloga'

Nas páginas 36 a 40 da excelente biografia de José Comblin escrita por Mônica Muggler, encontramos preciosas informações sobre a maneira em que se trabalhava a teologia em Lovaina nos anos em que Comblin preparava ali seu doutorado, ou seja, entre 1946 e 1950. 'Nessa época', escreve, 'a teologia em Lovaina era essencialmente histórico crítica. Partia do contexto histórico que a tudo confere um valor relativo' (MUGGLER, 2013, p. 38).

Essa informação de Mônica Muggler me levou a tomar em mão o livro 'O Cristão na Teologia de Paulo' (SÃO PAULO, Paulus, 2002), escrito em 1962 pelo professor e orientador de Comblin na tese de doutorado, Lucien Cerfaux. Aí o professor escreve: 'é na qualidade de filólogo que trabalho' (p. 30). Ele escreve ainda que 'a construção teológica é simbólica' (p. 513) e que 'nós temos necessidade de símbolos e os empregamos instintivamente' (p. 170). É de se imaginar que o aluno de Cerfaux

tenha captado o pensamento do professor e tenha aprendido que, para ser um bom teólogo, é preciso ser um bom filólogo. Precisa aprender a estudar as palavras bíblicas em minúcias. Para tanto, o estudante tinha a seu dispor o impressionante 'Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament', um dicionário de termos gregos usados pelos escritores do Novo Testamento, em plena fase de publicação naqueles anos. Ainda vi fascículos não encadernados do 'Wörterbuch' na biblioteca de Comblin em Olinda, nos anos 1965-1970. Penso inclusive que esse é o legado mais importante da doação de livros feita por Comblin à Biblioteca da UNICAP. É curvado sobre o 'Wörterbuch' que imagino o estudante José Comblin, feliz de estudar numa Lovaina filóloga, não numa Roma dogmática. Foi essa teologia 'filológica' que influenciou, ao longo de muitos anos, pessoas intelectualmente dotadas da América Latina, que vieram estudar em Lovaina. Mônica nos lembra

alguns nomes: Juan Luis Segundo, Camilo Torres, Gustavo Gutiérrez, Enrique Dussel, Ivone Gebara, Pablo Richard. Outros estudantes latino-americanos frequentavam Universidades alemãs, como Leonardo Boff, Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría, João Batista Libânio e Manfredo de Oliveira. A descrição de Mônica combina perfeitamente com o que o próprio Comblin escreve na Introdução da Quinta Redação de seu livro póstumo (COMBLIN, 2012), quando ele recorda que, reunidos num congresso de teologia

em El Escorial (Espanha), no ano 1971, os 'lovanistas' se 'reconheceram' (veja página 74 do livro de Mônica Muggler). Ali a Teologia da Libertação tomou corpo: todos tinham aprendido a trabalhar com o método histórico crítico e filológico. Todos sabiam (uns mais, outros menos) contextualizar e trabalhar com as metáforas, linguagens simbólicas, mitologias e imagens mágicas que encontravam nos textos bíblicos. Eram formados numa teologia baseada em filologia, história e pensamento crítico.

2 A Cristologia metafórica do Apocalipse

Foi muita ousadia, por parte de um estudante de 26 anos, escolher, para sua Tese de Doutorado, o livro mais difícil do Novo Testamento, o Apocalipse. Era pisar em terreno novo, enfrentar, nos anos 1946-1950, um texto inteiramente versado em linguagem simbólica. Não era costume fazer teologia a partir da linguística. Comblin deve ter trabalhado duro e depois nunca mais escreveu um livro tão recheado de citações bíblicas, referências bibliográficas, minuciosas análises de palavras gregas. Quem hoje, depois de 50 anos, retoma esse livro, fica impressionado (1) pelas continuadas e minuciosas análises filológicas e (2) pela capacidade de acenar, embora de forma discreta e alusiva, para situações atuais. Ali já está o Comblin da Teologia da

Libertação, ainda na concha, mas dá para se perceber uma sensibilidade social que se esconde e ao mesmo tempo se revela no texto. Pois naquele tempo não convinha expressar sentimentos numa Tese de Doutorado.

'O Cristo no Apocalipse' é uma análise das metáforas aplicadas à figura do Cristo por São João. Observe-se, e isso é importante, que Comblin não escreve 'Cristo' (título, apelido), mas 'o Cristo' (o ungido), um qualificativo, uma metáfora. Esse Cristo é o cordeiro (cap. 1); aquele que vem (cap. 2); a testemunha (cap. 3); o ungido (cap. 4); o vivente (cap. 5). A figura predominante é a do cordeiro e Comblin o apresenta da forma seguinte: 'O cordeiro não é o nome de Jesus, não é seu apelativo, nem mesmo seu título. É

uma figura apocalíptica. Ele pertence ao gênero apocalíptico' (p. 20). Jesus é o Cristo, o ungido, da mesma forma como ele é o cordeiro, aquele que vem, o vivente e a testemunha. Cinco metáforas revelam quem é o Cristo.

Só comento aqui a metáfora 'cordeiro', para mostrar como Comblin trabalha e como sempre existe vida por trás das palavras.

* Numa primeira abordagem, a imagem do cordeiro é uma reminiscência do versículo 7 do capítulo 53 de Isaías:

*Batem nele, pisam nele
Ele não abre a boca
Carneiro levado ao matadouro
Cordeiro tosquiado que não se mexe
Ele não abre a boca.*

Esse cordeiro parece confirmar a ideia que Jesus foi vítima inocente de algum plano misterioso de Deus, uma imagem persistente na liturgia, até nossos dias.

* Mas no capítulo 17, versículo 14 do Apocalipse, aparece um cordeiro totalmente diferente:

*Eles farão a guerra ao cordeiro,
mas o cordeiro os vencerá,
pois é o Senhor dos Senhores
E o Rei dos Reis.*

3 O 'Apêndice' do livro

Na redação de Teses de Doutorado da época não era de bom tom fazer polêmica ou externar opiniões pessoais. Tudo tinha de seguir um

O cordeiro sofredor de Isaías, 'que não abre a boca', vira o Senhor dos Senhores e o Rei dos Reis. No capítulo 19, ele assume formas ainda mais impressionantes:

*Eu vi o céu aberto
E eis um cavalo branco
E seu cavaleiro se chama
Confiável e Verdíco
É com justiça que ele julga e faz
a guerra.
Seus olhos são como chamas de fogo
Ele está revestido de um manto
encharcado de sangue
E seu nome é Palavra de Deus.
Os exércitos do céu o seguem
sobre cavalos brancos
Revestidos de linho branco e puro.
De sua boca sai uma espada
afiada
Para ferir as nações etc. (Ap 19,
11-15).*

Observem que o manto do cavaleiro vitorioso está 'encharcado de sangue'. O contexto explica que é o sangue das testemunhas. Assim o Apocalipse faz a ligação entre a metáfora cordeiro e a metáfora testemunha, e com isso entra num universo de violência. O cordeiro sofre porque deu testemunho de Deus num mundo que não o entende. Há um elo entre sofrimento e testemunho.

padrão acadêmico bastante rígido. Acontece que o livro em exame contém um Apêndice de três páginas (p. 237-240), em que Comblin solta sua prosa e

conta que estava terminando seu livro em Santiago do Chile, agosto 1962, quando lhe chegou à mão o livro de um biblista alemão, chamado Holtz, que tratava do mesmo tema que ele aborda no livro, a Cristologia no Apocalipse. Comblin argumenta que, após a leitura do livro de Holtz, ele não se vê na obrigação de mudar nada na formulação de seu texto. Por que? Holtz apresenta Jesus em dois quadros: (1) paixão e morte e (2) ressurreição. Mas, argumenta Comblin, isso é insuficiente. Holtz concentra toda a sua atenção sobre a figura do cordeiro e esquece que o Apocalipse não descreve o Cristo unicamente na qualidade de 'cordeiro', mas igualmente na qualidade de 'testemunha' (pp. 132 a 167). Ora, existe um elo entre as duas imagens. E ele remete o leitor ao terceiro capítulo de

seu livro, em que apresenta Jesus como 'testemunha'. O Cristo é humilhado porque é testemunha. Há uma concatenação: paixão e morte em consequência do testemunho, ressurreição em consequência da paixão e morte. Nas palavras do livro: 'antes de morrer Jesus foi testemunha e, por conseguinte, seu ministério na Palestina foi um testemunho. Mas trata-se de um dado implícito, que São João certamente não negaria, mas que ele nunca enuncia' (pp. 157-158). E ainda: 'a igreja é a comunidade das testemunhas, dos que levam ao mundo o testemunho de Jesus' (p. 239). A figura do Cristo explica-se por três figuras: (1) a testemunha; (2) o cordeiro humilhado (3) o cordeiro exaltado. Eis uma observação de alcance fundamental.

4 Uma lacuna no Credo de Niceia

Acontece que Holtz entra na linha da Cristologia professada no Credo de Niceia, proclamado no ano 325. Vejamos isso no texto latino do Credo, pois foi nessa língua que ele ressoou ao longo de muitos séculos:

*Et incarnatus est
Crucifixus etiam pro nobis, sub
Pontio Pilato passus et sepultus
est.
Et resurrexit
Et ascendit
Et iterum venturus est
Et in Spiritu Sancto...*

Impressionante a lacuna entre o primeiro e o segundo versículo. Passa-se por cima do testemunho de Jesus propriamente dito. Não se explica a crucifixão de Jesus. O Credo professa que ele 'foi incarnado' e logo depois diz que ele 'foi crucificado por nós, sofreu e foi sepultado sob Pôncio Pilatos'. Pilatos faz estranha figura aqui, aparece realmente como 'Pilatos no Credo'. Faz estranha figura num texto versado em linguagem a-temporal. Fica fora do contexto, recorre ao esquema

sacrificialista (*'pro nobis'*: por nós') para explicar a razão da morte de Jesus. Não se explica por que Jesus foi tão cruelmente assassinado. A razão histórica da crucificação fica oculta. E se se incluísse, por exemplo, entre os versículos 1 e 2, o seguinte versículo:

Et testificavit iniustitiam mundi?
(ele testemunhou a injustiça do mundo)

Isso não mudaria completamente o teor do Credo? Não mergulharia a vida de Jesus na história e mostraria a razão pela qual ele foi crucificado sob Pôncio Pilatos?

Há de se entender por que os bispos reunidos em Niceia (concretamente no Palácio de Veraneio do imperador Constantino!) acham incômodo falar de Jesus testemunha.

5 Corrigir a cristologia oficial

Comblin não nega o Credo, mas entende que, na profissão de fé em Jesus, falta a referência à vida pública de Jesus e às contradições que ocorreram durante essa vida pública. Ele mostra nesse livro que não tem nada contra a abordagem mitológica da vida de Jesus (encarnação, ressurreição, ascensão, volta gloriosa), mas que não se pode passar por cima das posturas assumidas por Jesus no decorrer de sua vida pública. Passar imediatamente do *'et incarnatus est'* para *'crucifixus etiam pro nobis'* situa o discurso inteiro numa

Eles desejam sair da 'igreja dos mártires' e guardam na memória como o antecessor de Constantino, o imperador Diocleciano, desencadeou a mais violenta perseguição contra os cristãos. Ficam felizes por serem recebidos com honras de estado pelo imperador Constantino que conversa com eles e lhes parece um 'novo Cristo' (veja a descrição num texto de Eusébio de Cesareia, onde se escreve que o imperador conversa informalmente com os bispos). Aí não há clima para se falar em Jesus mártir (testemunha). Mas o que há de dramático em querer preencher hoje a lacuna no Credo de Niceia, tão destoante do evangelho? O Credo não é um texto passageiro, como todos os textos que os seres humanos produzem?

esfera meta histórica, ou seja, apela para uma leitura sacrificial da morte de Jesus, como escrevi acima. O grave, aqui, consiste em camuflar a razão histórica da morte tão cruel de Jesus.

Não existe uma definição propriamente dita de Jesus no Apocalipse, mas um acúmulo de metáforas que dizem aspectos de sua mensagem e de sua atuação. Comblin trabalha igualmente com metáforas. Sua teologia não define, mas descreve e das descrições tira conclusões práticas, ou seja, que se aplicam à ação. Nos cinco

livros que ele dedica ao Espírito Santo, Comblin fala em ação, palavra, povo de Deus, liberdade, desobediência. Ao longo de sua atuação como teólogo, a Pneumatologia sustentara suas ousadas afirmações. Nisso existe um impressionante paralelismo com o que vemos no capítulo 3 do Evangelho de João sobre um encontro noturno entre Jesus e Nicodemos. O primeiro fala em 'nascer de novo' e 'nascer do Sopro Santo'. Nicodemos não entende nada, Ele pensava discutir doutrina com Jesus e agora o ouve falar em ação na vida comum. Sua decepção fica manifesta na observação: 'você quer dizer que é preciso entrar de novo no ventre da mãe'? Isso é absurdo! Mas Jesus continua: 'o Sopro Santo sopra onde

quer'. Fora do universo de ritos, orações, observâncias de regulamentos. Fora das instituições religiosas. Jesus fala em agir, fazer algo. Não trata de executar o que está prescrito na lei, recitar profissões de fé ou participar de ofícios religiosos. Penso que algo parecido ocorre entre José Comblin e os defensores do Dogma ou do Direito Canônico.

Resumindo: a preocupação social, que se manifestará mais tarde sempre mais claramente na obra de Comblin, decorre de sua interpretação da Cristologia praticada por São João no Apocalipse, tal qual a encontramos em sua Tese de Doutorado. Sem explicitar a coisa, Comblin na realidade corrige a Cristologia oficial em seu livro sobre o Apocalipse.

Referências

CERFAUX, Lucien. **O Cristão na Teologia de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. **La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Apoc 21:1-22:5)**. Tese de Doutorado. Louvain: Université Catholique de Louvain, 1953.

COMBLIN, José. **Le Christ dans l'Apocalypse**. Tournai: Desclée & Cie,

1965, 268 p. (Bibliothèque de théologie – Théologie biblique – Série III – vol 6).

COMBLIN, José. **O Espírito Santo na Tradição de Jesus**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

MUGGLER, Mônica Maria. **Padre José Comblin. Uma vida guiada pelo Espírito**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013.

Trabalho recebido em: 10/09/2014.
Aceito para publicação em: 16/02/2015.